A LITERATURA DE CORDEL E O USO DA MENTIRA

THE LITERATURE OF CORDEL AND THE USES OF THE LIE

Marcio Alexandre Barbosa Lima*

Resumo

O cordel representa um dos principais gêneros literários da nossa cultura popular. Suas histórias estão diretamente vinculadas a cultura do grupo a que pertencem e expressam uma visão de mundo característica, cujo significado só é possível de compreender contextualizando sua formação. O presente artigo apresenta uma análise a respeito do uso da mentira presente no cordel e folclore produzidos no nordeste brasileiro, relacionando-o a formas de dominação, resistência e sociabilidade.

Palavras-Chave: cheap literature, Folclore, Conto-do-vigário, Astúcia

Abstract

The Cordel represents one of the major literary genres of our popular culture. Their stories are directly linked to the culture that they belong to and express a specific world view whose meaning is only possible to understand contextualizing its formation. This article presents an analysis about the use of lies in the Cordel and folklore produced in northeast of Brazil, relating it to forms of domination, resistance and sociability.

Keywords: twine- folklore-confidence trick-astuteness

* Mestre em Sociologia/Unicamp e doutorando UnB. marcioablima@yahoo.com.br

Qualquer tentativa de elaborar uma análise sobre o uso da mentira se deparará com o problema da sua universalidade. Podemos encontrá-la nas mais diversas culturas espalhadas no espaço e no tempo, assim como nos mais diferentes tipos de situação. Buscaremos neste artigo situar as mentiras e os mentirosos de modo que sua universalidade restrinja-se a situações face-a-face, ou seja, abordaremos apenas mentiras contadas por uma pessoa em contato direto com seu interlocutor. Para tanto, utilizaremos casos narrados na literatura de cordel, a fim de construir uma classificação sobre seu uso por meio de personagens e de autores que se utilizaram do folclore e a cultura popular nordestina na elaboração de seus personagens e suas histórias. O produto das representações do escritor aqui será entendido como uma dimensão da práxis social, assim como suas ações, de modo que seus personagens e suas mentiras são representativos dos usos que esta pode exercer em nossa sociedade.

Um dos personagens que cristaliza a cultura da mentira é sem dúvida o malandro, sujeito ambíguo, que recusa o trabalho disciplinado e vive de expedientes temporários, mentindo sempre que é necessário para preservar sua autonomia.

Muitas vezes estas personagens são chamados de heróis pícaros, personagens de origem humilde, que a todo instante partem para uma nova terra e utilizam a sabedoria, a astúcia, a previsão, a sutileza mental e o talento para sobreviver. Através do conhecimento dos seus inimigos, eles os enganam e os humilham. Suas estratégias e a identificação com seus leitores

demonstram que seus dilemas pouco diferem da realidade.

No Brasil, é através da literatura oral de cordel que eles se perpetuam no imaginário popular e ensinam aos subjugados como canalizar sua raiva através da astúcia e do engano, cumprindo assim, a função de socialização de um espírito de resistência (SCOTT, 2000, p.197). Outro uso bastante comum da mentira é o entretenimento. São as chamadas *mentiras de pescador*, contadas com o objetivo prender a atenção da platéia.

Nela a verossimilhança não é pretendida e, normalmente, ocorre em situações em que não há aparentemente uma hierarquia entre os seus ouvintes e nem há normas sociais sendo desrespeitadas.

Com outros personagens e situações podemos encontrar as *mentiras de malandro*, ou seja, mentiras contadas com a intenção de enganar o interlocutor, por motivo de vingança, para escapar a uma sanção ou para levar algum tipo de vantagem material ou simbólica. Nesta forma de mentir podemos identificar uma tentativa de resistência a obedecer às normas sociais impostas.

A mentira de pescador pode ser representada por **Chicó**, personagem da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna (2001) e por **Alexandre**, personagem do livro *Alexandre e Outros Heróis*, de Gracialiano Ramos (1997). A principal característica deste tipo de pratica é o fato das mentiras serem inverossímeis. As mentiras de malandro podem ser encontradas em **Cancão de Fogo**, personagem do cordel nordestino, de Leandro Gomes de Barros e **João Grilo**, também extraído da peça de Ariano Suassuna. Poderíamos acrescentar **Pedro Malazarte** (SILVA,s.d.) outro

famoso personagem do cordel nordestino e **Macunaíma** (ANDRADE, 1977), mas Cancão e João Grilo são suficientes para os objetivos deste trabalho.

Neste tipo, a verossimilhança é pretendida e o uso da mentira busca o exercício da liberdade, muitas vezes em desacordo com as normas sociais. Ao conhecermos as práticas das personagens, mostraremos um julgamento moral a respeito da mentira em determinados grupos sociais. Mas para isso, necessitamos conhecer os motivos que os levam a contar uma mentira e, a partir deste esclarecimento, poderemos produzir uma análise sociológica sobre seu uso na sociedade brasileira. Assim, gostaria de apresentar suas histórias, além das situações nas quais eles mentiram.

A mentira como uma arte ou as histórias de Alexandre

O livro de Graciliano Ramos, *Alexandre e Outros Heróis*, publicado pela primeira vez em 1938, narra as aventuras de Alexandre, um contador de histórias que *"fumando um cigarro de palha muito grande, discorria sobre acontecimentos da mocidade"*. São quatorze histórias narradas por ele, a maioria relata feitos que envolvem suas capacidades físicas e intelectuais ou sua relação com animais e objetos excepcionais.

As histórias são contadas em sua casa, na presença de cinco pessoas, sua esposa Cesária, o cego Firmino, o curandeiro mestre Gaudêncio, o cantador Libório e a afilhada de Alexandre e também benzedeira, Das Dores. As histórias são ambientadas no nordeste do país, no meio rural,

num tempo passado em que ele e sua família "vivia de grande" e era estimado pelos políticos e vaqueiros da região. Este passado contrasta com a realidade na qual estão as personagens no momento das narrativas. Alexandre possui *"uma casa pequena, meia dúzia de vacas no curral, um chiqueiro de cabras e roça de milho na vazante do rio"* (RAMOS,1997, p.9).

No primeiro e no segundo capítulo de *Alexandre e outros heróis* em que ele explica porque seus olhos são tortos, ele conta aos presentes que na fazenda onde vivia, uma égua fugiu e seu pai mandou encontrá-la, pois sabia que estava pronta para parir seus filhotes.

Durante a procura, ele adormeceu próximo ao riacho e quando acordou já era noite. Levantou-se e percebeu dois vultos malhados bebendo água. Em silêncio, se aproximou, preparou o cabresto para a montaria e saltou no lombo do animal.

Enquanto tentava dominá-lo, arranhou-se nas árvores de mandacaru que existiam ao redor. Os espinhos esfolaram todo seu corpo, mas Alexandre venceu o animal, que passou galopar e obedecer a seu comando.

O dia estava clareando quando voltou para casa montado no animal. Estavam todos preocupados com o que poderia ter acontecido e assim que entrou em casa, seu pai perguntou por onde andara.

Alexandre respondeu que estava procurando a égua perdida e veio montado num animal com malhas e que possivelmente seria ela. Quando chegaram ao curral, não entraram diante da surpresa que tiveram. Não havia uma égua, mas uma onça pintada amarrada pelo cabresto. Segundo ele, como estava escuro, enxergou

apenas as manchas do animal e disto deduziu ser a égua.

Passado o susto, Alexandre percebeu que enxergava as pessoas pela metade, seu pai, por exemplo, tinha apenas um braço e uma perna. Aconteceu que durante a montaria, até conseguir domar a onça, sofreu os arranhões e num dos espinhos seu olho ficou pendurado.

Quando ele voltou ao local do acidente, encontrou seu olho no espinheiro, colocou o de volta e, devido à posição invertida, conseguiu ver seu cérebro por dentro e tudo o que ele pensava no momento.

Foi então que percebeu que o olho estava ao contrário, retirou-o e o colocou na posição correta. Desta vez enxergou melhor do que antes do acidente. Voltou para casa e quando olhou no espelho, viu que estava torto, mas como sua visão estava melhor, resolveu deixar como estava. E antes que fizessem qualquer pergunta sobre o paradeiro da onça, tratou de explicar que foi morta e seu couro foi entregue ao irmão tenente de Alexandre.

Já num domingo, Alexandre perguntou aos presentes se gostariam que contasse a história do veado, "história que eu apontei outro dia" e depois de todos concordarem, perguntou aos presentes qual era a distância entre a casa e o monte em frente.

Seu Libório arriscou meia légua, mestre Gaudêncio duas e Das dores cinqüenta léguas. Alexandre repreendeu sua afilhada e disse: "[...] Isso não, Das Dores. Que desconchavo! Assim também é demais. Deixe esses despotismos, para os nossos amigos não fazerem mal juízo, não pensarem que eu ando com invenções. As minhas

histórias são exatas"(RAMOS,1997, p. 86).

Foi o mesmo comentário de quando contou a história da cadeira feita com madeira de jaca, que depois de alguns anos, cada uma de suas pernas tornou-se uma árvore enorme.

Em sua narrativa, apenas quatro árvores criaram raízes no cômodo da casa, enquanto na versão que o doutor Silva escreveu, havia mais dez, o que não era verdade. Na comparação,Alexandre afirmou que o doutor Silva floreou a história porque precisava encher o papel uma vez que escrevia sobre o fato.

Mas como Alexandre era exato, somou as medidas apresentadas pelos outros três presentes e dividiu. Assim, a distância entre sua casa e o monte era exatamente dezessete léguas. Com a distância definida, passou a narrar os fatos.

Alexandre contou que, graças a seus novos olhos, enxergou um veado no alto do morro. Nessa época ele havia recebido do seu irmão tenente uma espingarda cuja qualidade era não deixar o chumbo se dispersar. Então ele mirou no animal e o matou.

A distância entre a casa e o local onde estava o veado era tão grande que ao chegar até a presa, o corpo já estava frio. Durante a narrativa, Alexandre disse que havia um tiro na cabeça e outro na pata. Por causa da contradição, o cego Firmino perguntou sobre a presa ter dois tiros, quando foi disparado apenas um. Imediatamente Alexandre perguntou irritado se Firmino duvidava de sua palavra. O cego imediatamente respondeu que não.

A contradição dos fatos e da falta de uma resposta coerente ao cego foi desfeita com o testemunho de Cesária, esposa de Alexandre, que

partiu em seu auxílio explicando que no momento do tiro, o animal estava coçando a orelha e, por isso, o tiro atingiu sua pata.

Mas não foi apenas desta vez que o cego Firmino desconfiou das histórias contadas por Alexandre e Cesária o auxiliou. Quando Alexandre contou sobre seu olho, Firmino lembrou que nas outras vezes em que contou a história não havia espinhos. Também quando contou a história do bode do tamanho de um cavalo, o cego perguntou sobre seu paradeiro, como também perguntou sobre o paradeiro dos filhotes da cadela inteligente de uma outra história. Todas às vezes Firmino foi depreciado por causa de suas perguntas.

No caso da história de quando Alexandre voltava da casa de seu sogro e foi picado por uma cobra cascavel de dois metros e meio, o cego Firmino desconfiou do tamanho, mas se deu por vencido quando Cesária foi buscar seu guiso. Como ela não o encontrou, Firmino aceitou apenas seu testemunho como prova.

A cobra mordeu o estribo, que era de prata, e depois de alguns dias, quando Alexandre foi montar com a mesma sela, seu empregado disse que não conseguia retirá-la do chão pois estava presa. Alexandre foi até o local e encontrou o estribo inchado, vazando prata. O que aconteceu foi que a cobra picou o estribo e ele inchou devido a seu veneno. Alexandre ganhou muito dinheiro vendendo prata até o veneno ficar velho e perder seu efeito.

Como se vê, algumas histórias de Alexandre o envolvem diretamente nos feitos extraordinários que relata, mas nem sempre é ele a excepcionalidade da narrativa. Enquanto o cego Firmino desconfia e faz perguntas, Libório é o

que menos pergunta, apenas admira.

Logo após narrar os acontecimentos com a onça, o cantador propôs fazer uma cantiga narrando os feitos de Alexandre enquanto Das Dores bateu palmas no final, o que demonstra que ambos não estão preocupa dos com a veracidade dos acontecimentos, mas com a engenhosidade da narrativa.

Essas histórias são contadas repetidas vezes, os ouvintes dirigem-se à casa de Alexandre para ouvi-las e algumas vezes eles próprios pedem que alguma história seja contada novamente.

A estima dos presentes pelas histórias de Alexandre também pode ser observada quando Libório parou sua cantoria porque Cesária pediu que Alexandre contasse a história da jaqueira. Inicialmente Alexandre se recusou afirmando que no momento Líbório estava cantando, mas este parou imediatamente e pediu que Alexandre a contasse. À exceção do cego Firmino, nenhum outro personagem contesta as versões que são apresentadas com modificações, cada vez que são recontadas.

Alexandre possui duas testemunhas constantes em suas narrativas: sua esposa Cesária, que muitas vezes o auxilia, como no caso do tiro no veado, e seu irmão tenente, que recebe as provas materiais de todos os casos narrados.

O autor de Alexandre, no início do livro, afirma que as histórias ali apresentadas não são originais pois fazem parte do folclore nordestino, são relatos transmitidos de geração em geração.

As histórias são inverossímeis, entretanto, Alexandre espera a crença, ou pelo menos a conivência, de seus ouvintes em relação aos casos narrados. Ele mesmo faz questão de se comparar

ao doutor Silva para demonstrar sua fidelidade aos fatos uma vez que Silva floreia as histórias, enquanto ele diz exatamente o que aconteceu.

Aquele que duvida, Firmino, é a todo momento destratado e desconsiderado com o argumento de que sua cegueira o impossibilita entender as coisas que Alexandre diz. No caso da distância do monte onde estava o veado, por exemplo, Alexandre desconsiderou a opinião do cego.

Os ouvintes não interpretam as histórias como se o objetivo do narrador em cada uma delas fosse contar suas glórias. Se existe algum objetivo além de passar o tempo (e nesse sentido, suas histórias pertencem aos momentos de lazer no meio rural nordestino), este é o de ter a atenção dos presentes devido a sua criatividade e capacidade em narrar um caso. E a reação de Das Dores, ao bater palmas no final da história da onça, indica que de fato tais narrativas provocam a admiração e o riso, e não o desprestígio daquele que as conta.

No entanto, quando estas histórias são contadas fora de um determinado ambiente que as pressupõe, podem ser interpretadas como mentiras contadas por um sujeito convencido e como uma maneira de contar vantagens de si perante os outros. Afinal, Alexandre luta com uma onça, acerta com um único tiro um veado distante dezessete léguas, consegue ganhar dinheiro com a prata que escorre do estribo picado pela cobra e outras mais.

No pósfácio escrito por Osman Lins, o comentarista afirma que as temáticas presentes em cada uma das histórias e a referência a um passado de riqueza, obedecem a um objetivo

definido:

> [...] este homem que fala a ouvintes obscuros, mantém, através da imaginação, a capacidade de evocar, sob uma forma mítica, a existência de bens que ele e o cantador, o curandeiro, a benzedeira, o cego, deveriam compartir. [...] Ele parece representar a memória de um Paraíso onde a Natureza, ao contrário desta que o rodeia, oferece maravilhas; e também uma sociedade onde ele, Alexandre, não é um recusado e sim um fruidor" (LINS in RAMOS,1997, p.194).

Portanto, não se trata de um contador de vantagens, mas sim de um contador de histórias que, apesar de ser o personagem principal de muitas delas, ao partilhar um mesmo imaginário com seus ouvintes, fala de sua riqueza no passado ao mesmo tempo em que está inversamente se referindo aos seus problemas no presente, como a fome e a pobreza.

Observando o conteúdo das mentiras descobrimos que a fome e a falta de dinheiro são transpostos nas mentiras no sentido inverso, como abundância e riqueza. Em suas histórias, Alexandre é rico e prestigiado, bem ao contrário da sua realidade. Mas ao invocar tais elementos na sua imaginação e na dos outros participantes, eles tornam-se realidades, como se a imagem da coisa fosse, pelo menos naquele momento, a própria coisa narrada.

Os elementos que se tornam realidade e que fazem parte do conteúdo expresso nas mentiras oferecem um momento privilegiado para conhecermos o imaginário e os valores daqueles que mente e de seu grupo.

O encontro entre a arte e a estratégia

Mas Alexandre não é um único caso representativo deste tipo de mentira. No *Auto da Compadecida* (SUASSUNA,2001), Ariano Suassuna trabalha dois personagens que representam os dois tipos de uso da mentira que propomos neste trabalho, Chicó e João Grilo. Esta peça de teatro escrita na década de 1950 é também inspirada no folclore nordestino.

A história começa com a morte da cachorra da patroa de João e Chicó. Quando o animal ainda estava doente, ela mandou Chicó à igreja chamar o padre para benzê-lo. Chicó já sabia que o padre não aceitaria benzer um cachorro, então, chamou João Grilo para auxiliá-lo.

Durante a conversa sobre a possibilidade do padre benzer ou não a cachorra, Chicó lembrou-se do cavalo bento que tinha. João Grilo, assim como o cego Firmino, sempre desconfiado das histórias, fez diversas perguntas que foram respondidas com a frase "não sei, só sei que foi assim". Chicó também apresentou uma testemunha, Antonio Martinho, que estava morto há três anos, de modo que não poderia ser desacreditado.

Mesmo assim João Grilo pediu para que contasse sobre o cavalo bento. Chicó então contou que comprou o cavalo de uma velha que estava se mudando e que, antes da venda, recomendou-o tomar cuidado com o cavalo porque ele era bento.

Segundo Chicó, só poderia ser bento um cavalo que correu atrás de um garrote durante um dia inteiro, sem parar em nenhum momento. Durante sua narrativa, o garrote virou um boi e com esse crescimento de garrote para boi, João

Grilo perguntou qual dos dois ele perseguia. Chicó respondeu que eram os dois, um garrote e um boi.

Admirado, João perguntou se ele correu atrás dos dois de uma vez, e Chicó respondeu que os dois, durante toda a perseguição, correram juntos sem se separarem. João, não satisfeito, ainda perguntou como poderia acontecer isso e, irritado, Chicó respondeu "não sei, só sei que foi assim". Mas a história não terminou nisto.

A perseguição começou na Paraíba e só acabou em Sergipe. João, então, perguntou como foi que passaram pelo rio São Francisco e Chicó respondeu que o rio deveria estar seco porque não cruzou nenhum rio durante a perseguição.

Ao longo da peça, Chicó contou diversas histórias tão inverossímeis quanto esta. Já as mentiras contadas por João Grilo, contrastam com as de Chicó, a começar pelo fato de João responder as perguntas que lhe são feitas com outra mentira mais convincente. Isso se deve à maior astúcia de João e ao fato de que seus objetivos, quando conta uma mentira, diferirem dos de Chicó.

Quando as perguntas de João desmentem os fatos narrados por Chicó, este, ao invés de insistir modificando mais um pouco sua história, prefere dizer que não sabe, só sabe que foi assim. Ou seja, ele abandona buscar o convencimento de seu interlocutor pois não se trata de convencê-lo. De certa forma, suas histórias são apresentadas para serem ouvidas e não para serem questionadas quanto a sua realidade empírica. Mesmo assim, as perguntas de João servem para testar a astúcia de Chicó em escapar das tentativas de desmenti-lo.

A diferença entre os dois ficou clara, por exemplo, quando João percebeu que o padre

não benzeria a cachorra. Diante da negativa, João mentiu que a cachorra era do major Diogo, poderoso fazendeiro da cidade. O que fez o padre imediatamente mudar de idéia e dizer: *"Não vejo mal nenhum em se abençoar as criaturas de Deus"*.

Como diz João Grilo, diante do medo da riqueza do major Diogo, o padre mudou de idéia e se dispôs a benzer a cachorra. O problema é que após saírem, eles encontraram o major caminhando em direção à igreja.

João, sabendo que a filha do major Diogo estava doente e que ele estava indo à igreja pedir ao padre que a benzesse, disse ao major que o padre ficara doido e estava chamando a todos de cachorro. A partir daí, a confusão estava armada. O major pensou que o padre chamou sua filha de cachorra e foi reclamar com o Bispo.

Neste meio tempo, a patroa e seu marido chegaram à igreja carregando a cachorra prestes a morrer. A patroa pediu que o padre benzesse seu animal e ele, diante da confusão com o major e prevendo a visita do Bispo, negou o pedido. Então, João contou que o padre disse que benzeria a cachorra do major. Durante a nova confusão que começou, a cachorra morreu e todos começaram a discutir se ela seria ou não "enterrada em latim".

Com suas mentiras, João enganou o padre que era sovina e quis vingar-se da patroa que não lhe dera comida quando ele estava doente e alimentava a cadela com carne de primeira. Antes que todos se dessem conta de quem havia começado a confusão, João perguntou ao patrão se ele gastaria dez contos para "enterrar o animal em latim", de quem obteve uma resposta positiva. João falou que, diante da negativa do padre, os

patrões não poderiam cumprir o testamento do animal, que era deixar dez contos de réis para a igreja, seis para o padre e quatro para o sacristão. Mais uma vez o padre mudou de idéia, pois se tratava de uma cadela "inteligente, com sentimentos nobres" e, por isso, aceitou enterrá-la.

O problema era que o major já havia conversado com o Bispo e este estava a caminho da igreja para repreender o padre. Durante a conversa com o Bispo, o padre descobriu a mentira de João sobre a cachorra do major, ficou furioso ao saber da tapeação armada e foi buscá-lo. Para defender-se, João comentou na frente do bispo sobre o cachorro enterrado em latim. O Bispo afirmou que era proibido enterrar cachorros em latim e que o padre seria punido. Diante do desespero do padre e do seu pedido de socorro, João, em sua defesa, lembrou do testamento e também colocou o bispo como herdeiro. Assim, tudo se resolveu.

Mas João ainda não tinha conseguido vingar-se da patroa. Por isso, pegou um gato e mandou Chicó colocar algumas moedas no ânus do animal. Ele sabia que as fraquezas da patroa eram dinheiro e bicho e armou uma "quengada" envolvendo esses dois ingredientes.

Com as moedas introduzidas, levou o gato a sua patroa e demonstrou como o animal defecava dinheiro. A patroa ficou entusiasmada e comprou o gatinho de João, que já esperava a hora em que o animal não defecaria mais moedas. Por isso, pegou a bexiga do cachorro morto, encheu de sangue e pediu para que Chicó ficasse com ela no peito quando o patrão viesse tomar o dinheiro de volta. O patrão chegou e logo acusou João de

ladrão, que respondeu dizendo que ladrão era ele e que *"o que faço é me defender como posso"*.

O golpe que seria aplicado nos patrões foi adiado porque neste meio tempo chegou na cidade um bando de cangaceiros que aterrorizavam a região. O chefe deles, Severino, foi à igreja e encontrou todos os personagens.

A última mentira de João foi pregada no cangaceiro, depois dele ter matado a todos, deixando vivo apenas João e Chicó. No momento em que deveria ser morto, João disse que queria entregar um presente ao cangaceiro. Era a gaita batizada por padre Cícero e que ressuscitava os mortos. Diante da desconfiança do bandido, João pegou sua faca emprestado e fingiu atacar Chicó, estourando a bexiga com sangue que tinha sob a camisa.

Chicó percebeu a armação e fingiu-se de morto, ressuscitando com o canto da gaita. Quando Chicó levantou-se, disse que viu padre Cícero. O cangaceiro ficou abismado e se dispôs a participar do experimento. Severino entregou a gaita a um de seus capangas e o mandou atirar. O capanga matou seu chefe e acabou morrendo também numa luta com João. Os dois amigos iam saindo com o dinheiro de todos quando Severino ainda teve forças para levantar e atirar em João, que morreu.

A parte final da peça é o julgamento das personagens depois de mortos. O diabo ia levando todos para o inferno, quando João pediu a intercessão de Nossa Senhora, que o atendeu prontamente. Graças à intercessão de Nossa Senhora, todos foram parar no purgatório, menos João.

Ele, apesar de ter enganado a todos e,

que, aparentemente, deveria ser enviado para o inferno ou pelo menos para o purgatório, após seu julgamento, conseguiu ser devolvido para a terra. Ou seja, de todos os pecadores, João foi o que menos pecou. Nos autos, a Compadecida diz para Jesus Cristo: *"João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa" (*Suassuna*,*2001, p.184).

A defesa de Nossa Senhora resgata o aspecto cristão de toda a peça e a legitimidade do uso da mentira em determinados casos como o de João Grilo. Sua defesa baseia-se no seguinte argumento: *"Meu filho, seja então compassivo com quem é fraco"*(SUASSUNA,2001, p.177).

A cada um a Compadecida defendeu apresentando um motivo. O padre e o sacristão foram absolvidos porque, como mortais, agiam por medo. Em sua defesa, a Compadecida lembrou que o padre, antes de morrer, absolveu a todos. A esposa e o marido também foram defendidos com o argumento de que o marido tinha medo da solidão e por isso aceitava as ordens de uma mulher. E ela foi absolvida da acusação de adultério porque, segundo ela, era muito maltratada pelo marido. O cangaceiro e seu capanga foram perdoados já que agiam movidos pela cólera causada pelo assassinato de suas famílias pela polícia.

João, como ele mesmo disse, mentia para defender-se. Seu argumento não só foi aceito por Deus e reafirmado por Nossa Senhora, como graças a ele não recebeu nenhuma punição. Ao contrário, pôde retornar à terra com a ordem de agir de acordo com os mandamentos divinos.

Para compreendermos o que significa João ter sido perdoado por suas mentiras, devemos

observar quem foram suas vítimas e os motivos alegados para suas ações. Primeiro João queria vingar-se de sua patroa pois esta tratava seu cachorro melhor que seus empregados. Depois João queria mentir ao padre e fazê-lo enterrar um cachorro em latim, porque este era sovina.

Quando viu o major chegando à igreja e percebeu que poderia ser punido por ter se passado por seu mensageiro, contou outra mentira para se livrar desta punição. Assim como mentiu sobre a gaita mágica entregue ao cangaceiro para livrar-se da morte.

Para cada personagem, João contou uma mentira fundamentada naquilo que chamava de as "fraquezas" de cada um deles. A fraqueza do padre era o dinheiro, do major sua arrogância, da esposa, animal e dinheiro, e a do cangaceiro, a credulidade ingênua. A utilização das fraquezas dos poderosos aparece também em outras histórias do cordel.

Além de João, existe outro personagem que personifica o segundo tipo de mentiroso, chama-se **Cancão de Fogo** (BARROS,s.d.). Este, assim como João Grilo, também utiliza a mentira como um instrumento de luta contra os poderosos. Mentindo, eles conseguem fazer sua vontade prevalecer em algumas situações. Apesar disso, não podemos deixar de notar que suas mentiras, longe de transformarem a realidade em que vivem, reafirmam os fundamentos da dominação a que estão submetidos.

A mentira como arma dos subalternos ou a história de Cancão de Fogo

A personagem Cancão de Fogo foi criada

por Leandro Gomes de Barros (1865- 1918), a partir de temas da tradição oral. Barros foi um dos primeiros escritores de cordel do Nordeste brasileiro e em suas histórias estavam presentes as chamadas "queixas gerais" de sua época. (TERRA,1983, p.40). Suas sátiras tratavam de sogras, casamentos, jogo do bicho, adultérios, religião e mandonismo. O cordel A *Vida e Testamento de Cancão de Fogo* foi escrito e publicado quando ainda era vivo.

Outro cordel de sua autoria, *O punhal e a Espada*, foi escrito a partir de um boato sobre a morte de um fazendeiro que teria sido assassinado por um funcionário em quem havia batido. Como defendeu o assassino, foi preso pelo chefe de polícia. Mas, segundo Permínio Asfora como Barros *"era um homem de muita vergonha e sentimento"*, sucumbiu a humilhação de ser preso, morrendo na cadeia (TERRA, 1983, p.41).

A história de Cancão de Fogo começa com a morte do seu pai, um homem honesto e trabalhador. Como era o único que trabalhava, a família começou a passar por dificuldades. Cancão foi chamado a trabalhar e negou-se porque achava que não precisava. Ele dizia que na natureza já existia tudo o que se precisava para viver, bastava pegar.

Além de rejeitar o trabalho, Cancão criticou seu pai por ser um trabalhador honrado. Nesse momento conhecemos a forma de pensar de Cancão.

> Nunca ouvi falar assim/Pedro morreu por ser bom/Paulo morreu por ser ruim/ Bom e mal, bonito e feio/Tudo tem o mesmo fim[...] Essa honra é palhaçada/Porque o capitalista não olha pessoa honrada/ Leve honra numa venda/E veja se compra nada. (BARROS,

s.d.,p. 06).

Como não havia mais nada para comer em casa e sua mãe não admitia comprar fiado na venda, Cancão resolveu buscar na "natureza" aquilo que estava lá disposto para ele. Encontrou um velho rico e avarento que não queria gastar dinheiro com sua estada na cidade. Logo apresentou-lhe o hotel mais barato que conhecia mas para levá-lo até lá, o velho deveria pagar uma determinada quantia. Mas o hotel era, na verdade, a prisão da cidade.

Ao ver a entrada do "hotel", o velho não imaginava estar caindo num dos inúmeros contos do vigário de Cancão de Fogo. Ele sempre buscava enganar quem ameaçasse sua liberdade ou não estivesse de acordo com sua filosofia de vida, como era o caso do velho.

Quando o velho entrou na cadeia, os soldados imaginaram que se tratava de um ladrão se entregando. Por isso, ficou preso por mais de dez dias até a volta do delegado. Só quando ele foi solto é que os policiais partiram a procura de Cancão, o verdadeiro ladrão.

Com o dinheiro que pegou do velho, Cancão foi ao armazém e comprou comida para toda sua família. Chegou em casa com tanta comida que sua mãe descobriu o roubo. Cancão, então, saiu pelo mundo afora, fugindo dos tapas de sua mãe.

Em sua nova vida, começou a trabalhar como vendedor de doces. Meses depois, escreveu para sua mãe dizendo onde estava e o que fazia para sobreviver, mesmo sabendo que ela não se preocupava com ele.

Junto com a carta enviou todo o dinheiro

que havia guardado, pois acreditava que sua família estivesse passando fome. Mas as coisas se complicaram para Cancão quando seu tio, irmão da mãe, leu a carta e descobriu seu paradeiro. Com inveja de sua inteligência uma vez que seus filhos eram pouco espertos, enviou o valentão Zé Vaqueiro para capturá-lo. Para isso, conseguiu um mandado de prisão referente ao estelionato praticado contra o velho do hotel.

Zé Vaqueiro concordou porque já tinha passado alguns dias preso devido um roubo frustrado em que Cancão foi o delator. Com o mandado de prisão nas mãos, ele partiu para sua vingança. Mas, no meio do caminho, embebedou-se e dormiu na estrada.

Cancão caminhava na mesma estrada quando o viu dormindo bêbado e com o mandado de prisão em suas mãos. Foi para sua casa, pegou algumas chaves antigas, colocou-as na algibeira de Zé, roubou seu mandado de prisão e partiu para a cidade.

Procurou o delegado e disse ter encontrado um ladrão com as chaves dos galpões da cidade. O delegado e seus soldados foram onde estava Zé Vaqueiro e o prenderam. O jagunço apanhou durante setenta e três dias e só conseguiu escapar depois que o tio de Cancão apareceu para soltá-lo. Zé Vaqueiro jurou nunca mais se meter com Cancão de Fogo quando o tio propôs que continuasse sua captura.

Ao perceber que corria o risco de ser preso devido ao golpe no velho do hotel, Cancão resolveu partir. Mentiu ao seu patrão dizendo que sua mãe estava doente e ele precisava visitá-la. Assim, recebeu o dinheiro que o patrão lhe devia e partiu.

Fugindo, encontrou outro delegado, que resolveu prendê-lo e enviá-lo à Marinha. Cancão ainda tentou escapar mentindo que sempre quis ser marinheiro e que, por isso, bastava ele informar a direção e a pessoa com quem devesse falar na Marinha, que iria sozinho. Mas o delegado o levou até o quartel da cidade. Lá, Cancão esperou todos dormirem, roubou as roupas do delegado, dos soldados e fugiu.

Na sua terceira fuga, Cancão encontrou Alfredo, um jovem também rejeitado pela família. Cancão convidou-o para seguirem juntos pelo mundo. Para Alfredo, Cancão ensina sua ética. "Só furtará uma coisa/Estando necessitado/ Se não quiserem lhe dar/Tem o direito sagrado/ Aí se rouba até Deus/Se achar ele descuidado" (BARROS, s.d.,p. 14)

Os dois partem num barco para Belém sem pagar pela viagem e quando são descobertos, Cancão mente que foi seu pai, um fiscal, que os embarcou no navio Olinda.

Como não era o navio em que estavam, o bilheteiro disse para esperarem até Belém e lá pediria para o delegado chamar o seu pai. Mas Cancão escapou e desceu no Ceará. Desta vez, o delegado local o esperava e conseguiu prendê-lo.

Cancão mentiu que seu pai morava ali e ele poderia chamá-lo para resolver o problema. Ingenuamente, o delegado mandou Cancão até o subdelegado para que juntos fossem à sua casa buscar seu pai. Como prova da ordem, entregou sua bengala para Canção apresentá-la ao funcionário.

Com a bengala nas mãos, Cancão armou mais uma. Disse ao subdelegado que seu chefe havia mandado que lhe entregasse três contos

de réis e como prova do pedido, apresentou a bengala. Com o dinheiro e a bengala do delegado nas mãos, Cancão partiu com Alfredo em direção à capoeira.

Fugindo da polícia, Alfredo voltou à cidade disfarçado de cego e aleijado para saber o que se passava com o delegado. Devido ao disfarce, recebeu muita esmola da população local. Assim, Cancão acertou um novo golpe com Alfredo. Mandou Alfredo à igreja para entregar ao padre todo o dinheiro conseguido. Quando o padre perguntasse o porquê, ele deveria dizer que sua mãe, antes de morrer, fez um último pedido. Ele deveria pedir esmola e o dinheiro arrecadado deveria ser entregue ao padre para realização de uma festa em nome do seu santo de devoção. Ao receber a aprovação do padre, Alfredo deveria pedir um atestado da igreja, uma coroa e uma toalha para continuar a promessa assumida com sua mãe.

Interessado no dinheiro que iria arrecadar, o padre entregou os instrumentos necessários para Cancão e Alfredo ficarem ricos. Todas as cidades do nordeste foram visitadas pelos dois e quando já estavam fartos de tanto dinheiro, resolveram partir para o Rio de Janeiro.

No meio do caminho para o Rio eles se perderam e apesar de terem dinheiro nas mãos, começaram a passar fome. Encontraram uma casa em que o almoço estava pronto.

Nesta casa vivia uma negra com dois filhos pequenos. Ao oferecerem dinheiro em troca de comida, a negra disse que para branco não havia comida dada nem vendida. Diante da negativa, roubaram-na.

A história termina com os dois almoçando

num restaurante no Rio de Janeiro, quando são abordados por dois delegados e muitos soldados. Cancão pediu para terminar a refeição antes de se entregarem, e foi atendido. Após a refeição, perguntou quais eram as acusações que pesavam sobre ele e para cada uma delas ele deu uma explicação.

Os policiais o procuravam pelo golpe aplicado no delegado e no subdelegado do Ceará. Cancão afirmou que não roubou a bengala, mas ficou com ela como pagamento pelo trabalho de ir até o subdelegado. A respeito do dinheiro roubado deste, disse que não era verdade, pois ninguém daria dinheiro a um denunciado da polícia, ainda mais um subdelegado. Os policiais ainda o acusaram do roubo das roupas no quartel, e Canção respondeu que as roubou para defender-se, pois o delegado o prendeu sem nenhum motivo e que ainda o queria enviar para a Marinha.

A referência ao envio à Marinha como forma de punição refere-se ao período anterior da Revolta da Chibata (1910), quando marinheiros eram castigados com punições físicas. A Marinha representava uma instituição de correção de jovens e de infratores. Além disso, muitos pais de família também foram enviados obrigatoriamente à Marinha, num recrutamento que durava quinze anos. Em 1904, em Fortaleza, houve a primeira revolta contra este recrutamento quando setenta e dois sorteados se recusaram a embarcar nos navios (CARNEIRO,1989, p.163).

Cancão não convenceu o delegado, mas convenceu o médico que o acompanhava. Ele, para livrá-lo da punição, o rejeitou dizendo que estava doente e não poderia fazer parte da tropa. Assim, Cancão permaneceu livre para novas

aventuras.

A vida de Cancão de Fogo vem acompanhada de um testamento. Quando estava próximo da morte, chamou o escrivão e o juiz para fazer seu testamento. Entregou uma casa em São Paulo e outra em Belo Horizonte para o escrivão e juiz, respectivamente.

Após a morte de Cancão, os dois, em retribuição, pagaram todas as despesas do enterro e ainda entregaram uma quantia em dinheiro à viúva. No entanto, quando foram receber suas heranças, descobriram que era tudo mentira, nenhuma das casas era de Cancão. Descobriram que ele estivera no cartório de cada uma das cidades e chegou a vender um fazendeiro negro como escravo. Ou seja, caíram em mais um golpe do vigário aplicado por Cancão.

"Tá errado, mas tá certo!" A dialética da moral popular !

Histórias como de Cancão de Fogo, João Grilo ou Pedro Malazarte são constantemente reeditadas, o que prova sua sintonia com o imaginário e os valores sociais de seus leitores. A peça *Auto da Compadecida* (SUASSUNA,2001), assim como as histórias de Alexandre, é inspirada no folclore nordestino, em que João Grilo e Cancão são conhecidos como "amarelinhos". A principal característica deste tipo de personagem é constituir-se enquanto herói à medida em que utiliza-se da mentira contra seus opressores e têm sua ação valorizada moralmente por isto.

Nas histórias de Cancão ou de João Grilo, especialmente nas falas dos personagens, podemos ver que a mentira não é considerada por

eles moralmente incorreta. Eles usam os motivos que os levam a mentir como justificativa de sua conduta. Matar a fome ou vingar-se de uma injustiça cometida por algum poderoso é motivo suficiente e legítimo para se enganar alguém. Aí, como diz Cancão, até Deus corre o risco de ser enganado. Mas qual a relação destas histórias com as entrevistas?

Para Melo e Souza, a poesia de autores de sociedades de literatura oral liga-se diretamente à vida coletiva do grupo em que foi criada, é feita para ser incorporada à experiência do grupo e a visão de mundo expressa nela não possui qualquer significado se separada das circunstâncias nas quais elas foram escritas (MELO E SOUZA, 2000, p.44). Por isso, o espaço para a criação individual é menor que aquele proporcionado por sociedades complexas, nas quais existe uma clara separação entre o público e o autor.

Os autores aqui analisados expressam-se de maneira individual. Entretanto, suas obras são inspiradas na literatura de cordel e no folclore e trazem aspirações que encontram ressonância nas necessidades coletivas dos leitores. Dessa forma, a conduta do personagem e sua concepção de mundo reforça nos leitores o sentimento dos seus valores sociais.

Quando observamos as condições sociais existentes no nordeste brasileiro na virada do século XIX para o XX, período de origem do personagem Cancão, observamos que inúmeras mudanças estavam acontecendo. A primeira e fundamental delas é o fim da escravidão e o início da utilização da mão de obra livre. Nesse período, as plantações de cana de açúcar já se encontravam em decadência e estavam sendo substituídas por

algodão (TERRA,1983).

Com as novas plantações, a de algodão principalmente, os antigos roçados dos moradores, que lhes garantiam a subsistência, são substituídos pelo salário e o custo de vida da população aumenta drasticamente. Com isso, o problema da fome, que é social, interfere na obra e torna-se elemento estruturante da narrativa e fundamental para compreendermos as histórias.

Cancão mente para comer, João também. Além da comida, ambos enganam, com suas mentiras, os patrões que maltratam seus funcionários. Podemos observar uma moralidade própria presente nestas obras e que corresponde à de seus leitores na qual, as vezes, o errado é certo!

Quem são os personagens enganados pelos heróis? Baseado em quais valores esses heróis agem dessa maneira? Ao mesmo tempo que mente e engana, Cancão preocupa-se com sua família, envia dinheiro à sua mãe, também é leal a Alfredo e não é avesso a qualquer tipo de trabalho. Com suas armações, critica a avareza do velho, o mandonismo do delegado, a ganância do padre, do juiz e do escrivão, a mesquinhez da negra e a ingenuidade do povo, enganando a todos em seus contos do vigário.

Da mesma forma, nas histórias de Malazarte (SILVA,s.d.), ele vinga-se do mau patrão, critica o adultério, a ingenuidade do marido, a arrogância do padre, o consumismo da esposa do fazendeiro, a ganância do cavaleiro e o mandonismo do rei. João Grilo também critica o mandonismo, a ganância e a credulidade ingênua.

Portanto, não falamos de personagens que a todos enganam sem qualquer critério. Numa das histórias de Malazarte, após tirar o couro de

um fazendeiro, o personagem entrega o dinheiro que conseguiu a um trabalhador enganado por seu patrão, de quem também se vingará. Apesar de aparecerem ora como criminosos ora como heróis, o final de todos eles é sempre é positivo. Eles enganam os poderosos, triunfam sobre eles, mas defendem os que são fracos.

Tanto Cancão quanto João usam o conto-do-vigário como uma estratégia de luta. A compreensão de sua estrutura proporciona conhecermos o seu *modus operandi* do mentiroso. Para ele aplicar um conto-do-vigário, o enganador precisa trocar algumas palavras com seu interlocutor, para conhecê-lo em suas fraquezas, que são condenadas moralmente pelos personagens.

O *modus operandi* consiste em observar o interlocutor, colocar-se no seu lugar, e a partir desta capacidade de interpretar a realidade como se fosse o outro (incluindo aí a forma como ele vê as outras pessoas, as coisas que valoriza, sua visão do mundo, seu imaginário), oferecer-lhe aquilo que ele mais deseja em troca do que ele mais presa. Do fazendeiro ele rouba o ouro, do major o respeito, do crente a fé. Esse processo envolve um julgamento moral que vai legitimar o conto-do-vigário ou a mentira.

A estrutura do conto-do-vigário baseia-se na troca e na contraprestação. Cancão ou João dissimulam prestar um favor a seus mandantes e, em troca, estes o entregam algo. Ao consumar a troca com a prestação e contra prestação, os últimos descobrem que foram enganados.

Como observou Schwarz, no Brasil foi o favor que assegurou aos homens livres a idéia de que eles não eram escravos e era através da

prestação e da contraprestação que se viam como iguais. "Mesmo o mais miserável dos favorecidos reconhecia nele, o favor, a sua pessoa livre, o que transforma a prestação e contraprestação, numa cerimônia de superioridade social, valiosa em si mesma" (SCHWARZ,1988, p.18).

Porém, tanto Cancão quanto João Grilo fazem da troca de favores, não um momento de suposta igualdade em relação a seus interlocutores, mas um momento de superioridade, pois, graças a sua astúcia, ao invés de aceitarem o domínio implícito no ato da troca, enganam aqueles que temem ou que os subjugam.

Os personagens Chicó, Alexandre, Cancão de Fogo e João Grilo personificam tipos ideais de uso da mentira, pois aquele que conta uma mentira com as mesmas intenções e características das mentiras contadas por Chicó ou Alexandre pode ser o mesmo que conta mentiras com as características e motivos de João ou Cancão. Ou seja, apenas em termos de análise poderemos separá-las porque na realidade elas podem ser praticadas por uma mesma pessoa. Esses personagens e suas práticas facilitam a exposição como meios para compararmos e medirmos, com relação a eles, a realidade. (WEBER,1964)

Alexandre e Chicó, ao narrarem suas histórias, esperam a crença de seus ouvintes, ou pelo menos sua conivência, mas não preocupam-se com a verossimilhança. Além disso, são socialmente reconhecidos como mentirosos. As pessoas os procuram para ouvir suas histórias e comentá-las de forma positiva ou negativa. Só podemos chamá-los de mentirosos graças aos interlocutores que contestam a verossimilhança dos fatos narrados.

Se podemos encontrar motivos, além do entretenimento, poderia ser obter a admiração do ouvinte em relação à sua capacidade narrativa, a uma verdadeira arte de narrar e de prender a atenção do público. São as chamadas histórias de pescador, cuja vivacidade e engenhosidade trazem prestígio àquele que as conta uma vez que através de suas palavras as coisas imaginadas ganham realidade. De João para Chicó sobre o cavalo bento: "Você vem com uma história dessas e depois se queixa porque o povo diz que você é sem confiança" (SUASSUNA,20001, p.26).

Bem diferente é o enganador que conta suas mentiras semelhantes as de João Grilo ou Cancão. Nestas situações, as pessoas que acreditam em suas palavras terminam enganadas, pois Cancão e João Grilo não são socialmente reconhecidos como mentirosos. Cancão porque a todo o momento parte de uma cidade para outra, conhecendo pessoas diferentes e nenhuma delas sabe das suas intenções e nem de seu *modus operandi*, o conto-do-vigário. João, apesar de ficar sempre na mesma cidade, não é visto como mentiroso porque usa sua astúcia para tornar suas histórias verossímeis e, sempre que é descoberto, conserta a situação com uma nova mentira.

Cancão manipula sua identidade e manipula a identidade do outro com vista a seus objetivos secretos. Sua astúcia e capacidade de escapar dos perigos advém do conhecimento que consegue obter sobre o seu interlocutor. Por exemplo, quando foi pego no navio sem passagens, ele imediatamente afirmou ser filho de um fiscal que residia no local de destino da embarcação, pois sabia da diferença de tratamento que receberia. Ao ter consciência da forma como

são tratados os filhos de pessoas poderosas, Cancão se faz passar por tal para não pagar as passagens dele e de Alfredo.

A mesma idéia vale para o caso do velho da sua cidade natal. Quando percebeu o interesse do velho em economizar dinheiro, ofereceu-lhe o hotel mais barato que existia. Assim como João vendeu à sua patroa um gato que defecava dinheiro e ao cangaceiro uma gaita que ressuscitava mortos.

Ou seja, tanto Cancão quanto João Grilo manipulam suas próprias identidades e a dos outros com a) a intenção de escapar de alguma sanção prevista por ter desrespeitado determinadas normas sociais e b) para obter vantagens sobre seus interlocutores. Ambos objetivos os casos, o objetivo final é o exercício de sua liberdade individual e, como esta se encontra muitas vezes em desacordo com as normas sociais, eles enganam para omitir suas transgressões.

Eles também fazem uso da mentira com o objetivo de c) vingar-se de pessoas que exercem poder sobre sua conduta. O delegado autoritário que resolveu enviar Cancão à Marinha é humilhado quando tem suas roupas roubadas e acaba demitido do posto devido a esta imprudência. Da mesma forma acontece com o cangaceiro e a patroa de João Grilo ou a negra que negou comida à Cancão.

Mas nem Cancão, nem João Grilo são verdadeiros revolucionários dos costumes e da moralidade de sua época. Ao contrário, ao observarmos os casos narrados, percebemos que em nenhum momento suas mentiras questionam a estrutura social que os obriga a mentir.

Ele agem segundo sua própria moralidade

na qual o mando deveria respeitar a dignidade daqueles que são mandados. João revolta-se pelo fato da cachorra da patroa ser mais bem alimentada do que ele. Cancão mente porque em sua casa não há comida ao mesmo tempo que encontra um velho com dinheiro suficiente para dormir em acomodações mais dignas, mas não o faz devido sua avareza. No entanto, sua atitude só muda a situação presente e não a ordem social.

O mentiroso está jogando com seu interlocutor e sua aposta é sua reputação, sua credibilidade ou, em alguns casos, sua própria vida, contra uma oportunidade de salvar-se ou obter algum benefício. A decisão de contar uma mentira inicia-se no momento em que o indivíduo decide participar, agir. Ele faz uma aposta, espera algum momento para saber o resultado e descobre se receberá ou não seu prêmio. (GOFFMAN, 1970)

Ele não sabe se realmente irá vencer, se as pessoas acreditarão em suas palavras, se sua mentira será ou não descoberta. Ou seja, existe uma fase de indeterminação sobre resultado e vai ser a astúcia e o autodomínio do mentiroso que determinará se conseguirá safar-se de uma situação problemática, que poderá ou não ter conseqüências futuras, inesperadas ou não. (GOFFMAN, 1970)

Referências:

ANDRADE, Mario, *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

ATHAYDE, João Martins de,. *As proezas de João Grilo*. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, s.d.

BARROS, Leandro Gomes de, *Vida e Testamento de Cancão de Fogo*. São Paulo: Editora Luzeiro, s.d.

GOFFMAN, Erving, Where the action is: Three essays. London: Penguin Books, 1970

MELLO E SOUZA, Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

NOBRE, João Damasceno, *O quengo de Pedro Malazarte no Fazendeiro*. São Paulo: Editora Luzeiro,s.d.

RAMOS, Graciliano, *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SCHWARZ, Roberto, *Ao vencedor as Batatas:* Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades,1988.

SCOTT, James C. *Los Dominados y el Arte de la Resistencia:* discursos ocultos. México: Ediciones ERA, 2000

SILVA, Expedito Sebastião da,. *As diabruras de Pedro Malazartes*. s.e: s.d.

SILVA, João, José da, *As presepadas de Pedro Malazarte*. s.e.: s.d.

SILVA, Manoel Caboclo e, *As aventuras de Pedro Malazarte*. Juazeiro do Norte,s.d.

SUASSUNA, Ariano, *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

TERRA, Ruth Brito Lemos,. *Memória de Lutas:* Literatura de folhetos do Nordeste (1823/1930). São Paulo: Global, 1983

WEBER, Max, *Economía y sociedad:* esbozo de sociología comprensiva. México: Fondo de cultura economíca, 1964.

Artigo recebido em: 25/05/2011
Aceito para publicação: 12/09/2011